



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
LICENCIATURA EM LETRAS, HABILITAÇÃO EM LINGUA ESPANHOLA**

**FRANKLIN WANDSON CLEMENTE SILVA**

**O EROTISMO E O SAGRADO NO POEMA “NOCHE OSCURA” DE SÃO  
JOÃO DA CRUZ**

**MONTEIRO-PB  
2019**

**FRANKLIN WANDSON CLEMENTE SILVA**

**O EROTISMO E O SAGRADO NO POEMA “NOCHE OSCURA” DE SÃO  
JOÃO DA CRUZ**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC  
apresentado à coordenação do curso de  
Letras Espanhol da Universidade Estadual  
da Paraíba – Campus VI, como requisito  
parcial para Obtenção de título de  
Licenciado em Letras, Habilitado em  
Língua Espanhola.

**Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Agnes  
Stolet Correia**

**MONTEIRO-PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Franklin Wandson Clemente.  
O erotismo e o sagrado no poema "*Noche Oscura*" de São João da Cruz [manuscrito] / Franklin Wandson Clemente Silva. - 2019.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia , Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."  
1. São João da Cruz ( Escritor espanhol). 2. Noite Escura da Alma (Poema espanhol). 3. Erotismo e Sagrado. I. Título  
21. ed. CDD 306.7

FRANKLIN WANDSON CLEMENTE SILVA

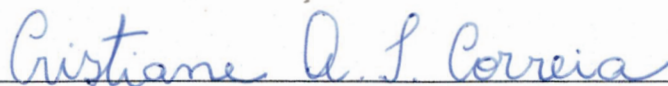
**O EROTISMO E O SAGRADO NO POEMA “NOCHE OSCURA” DE SÃO  
JOÃO DA CRUZ**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC  
apresentado à coordenação do curso de  
Letras Espanhol da Universidade Estadual  
da Paraíba – Campus VI, como requisito  
parcial para Obtenção de título de  
Licenciado em Letras, Habilitado em  
Língua Espanhola.

**Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Agnes  
Stolet Correia**

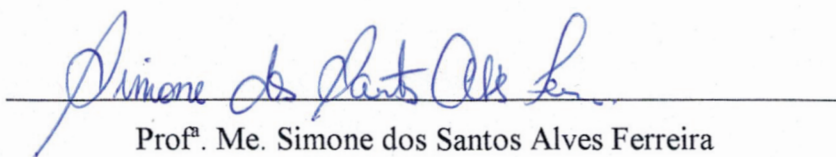
Aprovada em: 17/06/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

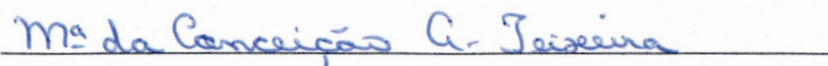


Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Agnes Stolet Correia

Orientadora



Prof<sup>ª</sup>. Me. Simone dos Santos Alves Ferreira



Prof<sup>ª</sup>. Especialista-Maria da Conceição Almeida Teixeira

**MONTEIRO-PB**

**2019**

## **DEDICO**

“A Nossa senhora do Monte Carmelo, patrona dos carmelitas Ordem de São João da Cruz e a Irene de Sousa Ramos(in memória). A todos os meus colegas de caminhada no curso”.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2 O EROTISMO.....</b>	<b>07</b>
<b>3. O SAGRADO .....</b>	<b>11</b>
<b>4. Análise do Poema “ Noite escura da alma” .....</b>	<b>15</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## RESUMO

Silva, Franklin Wandson Clemente

Este trabalho tem como objetivo analisar o poema “Noche Oscura” presente na obra “Noite Escura da Alma” de São João da Cruz (1542-1591), escrito no livro Obras Completas de São João da Cruz (1960). O presente artigo visa apresentar aos leitores uma análise dos aspectos religiosos a partir da concepção do erotismo e do sagrado, refletindo suas relações, além de buscar pôr em evidência este autor que não é muito conhecido entre o público em geral e especialmente entre os alunos do curso de letras com habilitação em língua espanhola da (UEPB) em Monteiro. Os procedimentos metodológicos adotados envolveram uma revisão bibliográfica, trazendo contribuições de: Teixeira (2008), Ruiz Salvador (1995), Bataille (1987), Corsi (2006), Cunha (2017), Branco (1987), Otto (1992) e Eliade (1977) entre outros. No objetivo de compreender o erotismo dentro do conceito de sagrado, fizemos uma análise do poema “Noite Escura da Alma” onde contém elementos que, se lidos superficialmente, não são possíveis de serem enxergados. Obtivemos como resultado o fato de que o tom erótico manifesto na obra faz uma conexão com o sagrado e se relaciona na mensagem principal, centrada na relação entre o humano e o divino.

**Palavras chave:** São João da Cruz. Noite Escura da Alma. Erotismo. Sagrado.

## RESUMEN

Silva, Franklin Wandson Clemente

. Este trabajo tiene como objetivo analizar el poema "Noche Oscura" presente en la obra "Noche Oscura del Alma" de San Juan de la Cruz (1542-1591), escrito en el libro Obras Completas de San Juan de la Cruz (1960). presentar a los lectores un análisis de los aspectos religiosos a partir de la concepción del erotismo y del sagrado, reflejando sus relaciones, además de buscar poner en evidencia este autor que no es muy conocido entre el público general y especialmente entre los alumnos del curso de letras con habilitación en lengua española de la (UEPB) en Monteiro. Los procedimientos metodológicos adoptados involucraron una revisión bibliográfica, trayendo contribuciones de: Teixeira (2008), Ruiz Salvador (1995), Bataille (1987), Corsi (2006), Cunha (2017), Branco (1987), Otto (1992) y Eliade (1999) entre otros. Con el objetivo de comprender el erotismo dentro del concepto de sagrado, hicimos un análisis del poema "Noche Oscura del Alma" donde hay elementos que, si leídos superficialmente, no son posibles de ser vistos. Obtuvimos como resultado el hecho de que el tono erótico manifiesto en la obra hace una conexión con lo sagrado y se relaciona en el mensaje principal centrado en la relación entre lo humano y lo divino.

**Palabras clave:** San Juan de la Cruz. La noche oscura del Alma. Erotismo. Sagrado.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como inspiração a busca da compreensão da literatura mística espanhola. Para tanto, as noções de erotismo e sagrado foram revisitadas para, posteriormente, observar tais questões em um poema célebre da mística espanhola: *Noche Oscura*, de São João da Cruz<sup>1</sup>, autor espanhol considerado doutor místico pela Igreja Católica. Para entender um pouco melhor estas considerações, vamos trazer uma breve biografia do autor.

O monge carmelitano João da Cruz nasceu em 1542, na pequena cidade de Fontiveros, perto de Ávila, em Castilla la Vieja, filho de Gonzalo de Yepes e Catalina Álvarez. Foi peregrino ao longo da vida. Suas andanças iniciaram na infância, quando acompanhava sua mãe, que, por falta de recursos, migrava em busca de nova condição de vida. Na cidade de Medina Del Campo, ele aprendeu a ler e a escrever com muita rapidez, em uma escola para crianças carentes denominada “Colégio das crianças da doutrina” (PACHO, 1998). Nesse orfanato onde estudou, demonstrou tanta habilidade que foi escolhido pelas freiras para servir à Igreja durante as missas. Podemos dizer, então, que a cidade Medina del Campo foi o berço do letrado sanjuanista. Na escola ainda aprendeu e desempenhou diferentes ofícios, como “[...] carpinteiro, alfaiate, escultor em madeira e pintor” (SESÉ, 1995, p.18). Em sua juventude, trabalhou como auxiliar de enfermeiros no hospital para pobres. Como se vê, ele caminhou por distintas atividades.

Sua família era muito pobre, porque o pai, de origem nobre de Toledo, tinha sido expulso de casa e deserdado por ter se casado com Catalina, uma humilde tecelã de seda. Órfão de pai em tenra idade, João, aos 9 anos, mudou -se, com sua mãe e seu irmão Francisco, a Medina del Campo, perto de Valladolid, centro comercial e cultural. Lá, frequentou o Colegio de los Doctrinos, além de realizar trabalhos humildes para as freiras da igreja-convento de Madeleine (RUIZ, 1995).

Ainda segundo o autor Ruiz (1995), posteriormente, João da Cruz foi admitido como enfermeiro no Hospital de la Concepción, e mais tarde no Colégio dos Jesuítas, fundado em Medina del Campo: João entrou aos 18 anos e estudou, durante três anos, humanidades, retórica e línguas clássicas. No final da sua formação, teve muito clara sua própria vocação: a vida religiosa e, entre as muitas ordens presentes em Medina, sentiu-se chamado ao Carmelo, em 1567 foi ordenado sacerdote. Com o passar do tempo percebeu que a ordem carmelitana estava passando por um distanciamento em sua espiritualidade inicial.

Desejando uma disciplina mais rígida, João da Cruz quase saiu da Ordem para ir ingressar na Ordem dos Cartuxos, (A Ordem dos Cartuxos também chamada de Ordem de São Bruno, é uma ordem religiosa semi-eremítica de clausura monástica e de orientação puramente contemplativa) mas, felizmente, encontrou-se com a reformadora dos Carmelos, Teresa D’Ávila<sup>2</sup>, a qual havia recebido autorização

---

<sup>1</sup> São João da Cruz era membro de uma comunidade monástica católica, seus escritos foram baseados na doutrina religiosa que o mesmo professava, por esse motivo, ficará evidente na construção desse trabalho elementos do cristianismo católico.

<sup>2</sup> Teresa D’Ávila Teresa de Ávila, O.C.D., (Ordem dos Carmelitas Descalços) conhecida como Santa Teresa de Jesus. Nasceu em 28 de março de 1515 Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, foi uma freira carmelita, mística e santa católica do século XVI, importante por suas obras sobre a vida contemplativa e espiritual e por sua atuação durante a Contra Reforma. Foi também uma das reformadoras da Ordem m

para a reforma dos conventos masculinos. Empenhado na reforma, conheceu o sofrimento, as perseguições e tantas outras resistências. Chegou a ficar nove meses preso num convento em Toledo, até que conseguiu fugir. Dessa forma, João transformou, em Deus e por Deus, todas as cruces dos seus sofrimentos num meio de santificação para si e para os irmãos (CMDM,2018).

João da Cruz passou a escrever poemas que tinham em suas temáticas o desejo ardente da alma por Deus. Assim surgiu o poema “Noche Oscura”, na qual a alma representada na figura de uma jovem mulher sai em busca do seu amado (Deus) nas trevas da noite, dando assim um tom de erótico ao poema.

A escolha pelos escritos de São João da Cruz deve-se às intervenções realizadas nas aulas de literatura espanhola ministradas pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.Cristiane Agnes Stolet Correia que foi convidada a ser orientadora deste mesmo trabalho.

Os procedimentos metodológicos adotados envolveram uma revisão bibliográfica, trazendo contribuições de Teixeira (2008), Ruiz Salvador (1995), Bataille (1987), Corsi (2006), Cunha (2017), Branco (1987), Otto (1992) e Eliade (1999). O artigo traz três tópicos a conhecer. O primeiro tópico demonstra o conceito de erotismo em si e dentro da literatura mística, trazendo sua definição segundo vários autores, demonstrando quais as formas em que o erotismo se manifesta e os tipos de erotismo que são: erotismo dos corpos, dos corações e o erotismo sagrado. Em seguida, apresentamos o conceito de sagrado a partir da etimologia e também no poema *Noche oscura* de São João da Cruz, observando que o sagrado e o profano seriam duas modalidades de existência assumidas pelo homem em sua história, traz explicações sobre o sagrado moderno e as suas contribuições. Por último elencamos a análise propriamente dita do poema *Noche Oscura* e suas particularidades

## 2- O EROTISMO

Neste tópico queremos apresentar a ideia de erotismo que será utilizado em nossa análise. Erotismo refere-se ao estímulo sexual não explícito, o que o diferencia da pornografia. Enquanto a pornografia está ligada diretamente ao ato sexual de penetração ou uso dos órgãos genitais em todos os aspectos para se chegar ao apse do prazer pelo prazer, o aspecto mais sutil envolvido no erotismo é o que considero mais atraente. O termo remete ao período greco-romano e era aplicado à paixão e ao desejo sexual, representado pelo deus Eros, o famoso Cupido. (CUNHA,2017).

Eros era considerado pelos gregos como o deus do amor. Entre os romanos, ele era conhecido como Cupido, que no latim tem o sentido de amor. Ele detinha uma beleza única e atendia aos desejos de Afrodite, disparando suas flechas do amor contra mortais e imortais, conforme as ordens de Afrodite.

Apesar do romanos, admirarem a sublime beleza de Eros, oferecia a ele um culto simples, desprovido de importância. Eros seria o símbolo do amor necessitado, que não se concretiza, pois o objeto do desejo sempre escapa de suas mãos.

Tomamos a liberdade de trazer uma leitura mais simples considerando as versões mais conhecidas do mito de Eros e Psiquê, sendo uma das mais belas e profundas histórias de amor. Ele se casa com a amada, mas a proíbe de ver seu rosto, pois o mesmo deseja ser amado como um mortal e não como uma divindade. Psiquê,

vencida pela curiosidade aproveita o momento em que ele adormece e espia sua face; a mesma fica encantada e deixa uma gota de cera da vela que ilumina Eros cair sobre seu peito. Eros acorda e fica furioso, deixando sua amante. A mesma é castigada por Afrodite, Eros arrependido, implora a misericórdia de Zeus para a mulher amada. Zeus cede e torna Psiquê imortal, unindo os jovens amantes, que passam a morar no Olimpo. A lenda de Eros e Psiquê nos remete a relação da alma com o Amor.

Diversos são os teóricos que sentem a necessidade de verbalizar o erotismo. Segundo Lúcia Castello Branco (1987), no livro “O que é erotismo”, definir o erótico é um caminho suntuoso:

(...) traduzir e ordenar, de acordo com as leis da lógica e da razão, a linguagem cifrada de Eros, seria caminhar em direção oposta ao desejo, ao impulso erótico, que percorre a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos. O caráter incapturável do fenômeno erótico não cabe em definições precisas e cristalinas – os domínios de Eros são nebulosos e movediços. (BRANCO, 1987, p. 7).

O mito grego de Eros diz que o erotismo pode ser definido através de seu próprio movimento. E o mesmo acontece com a sua própria definição, que não pode ser feita se não for através do caminho que Eros percorre. Esse movimento deve ser encarado através de duas principais vertentes, que são a de conexão com a vida (e consequentemente com a morte) e a conexão com Deus, ou com o Cosmo (dependerá da religião a definição mais apropriada).

Podemos observar esta conexão com a vida e com a morte de duas maneiras, a primeira como nos aponta Bataille, (1987) quando ele faz referência a fecundação no ato da geração da vida quando temos dois seres descontínuos que são o óvulo e o espermatozoide, estes seres passam pelo processo da descontinuidade individual para se fundirem (masculino e feminino) e na continuidade, gerar uma nova vida. Nesse caso temos a morte de dois seres para se tornar um só. A segunda deve-se ao fato de que a vivência erótica pode ser como algo desconfortável para uma sociedade conservadora. Não falo de sexo explícito, mas de carícias, palavras, gestos etc, que, aos olhos de uma sociedade conservadora, pode ser interpretado como atos obscenos/ímorais e que ao longo da história fez com que muitos homens e mulheres perdessem suas vidas. Já a vertente de conexão com Deus, ou com o Cosmo nos é apresentada pelos místicos em suas obras onde podemos encontrar um relacionamento íntimo erótico com aquilo que seria o sentido de sua vida para uma plenitude ou a perfeição.

Branco (1987) afirma que a concepção de “impulso erótico” em busca da plenitude aparece desde a Antiguidade Clássica. Em um dos textos mais antigos sobre erotismo, o filósofo grego Platão, no diálogo “O banquete”, expõe essa concepção. No banquete em que se passa a ação, Aristófanes, no seu elogio a Eros, conta que antes da existência desse ser, havia três sexos na natureza humana: eram os masculinos, os femininos e os andróginos.

Os seres andróginos eram redondos e possuíam quatro mãos, quatro pernas, duas faces, dois genitais, quatro orelhas e uma cabeça. Por serem muito poderosos, eles desafiaram os deuses, e Zeus, por sua vez, decidiu cortar cada um deles em dois. Após a mutilação, esses seres se tornaram fracos e também úteis, pois perdiam seus poderes, mas poderiam servir aos deuses. Desde que sofreram essa divisão, esses

seres mutilados passaram a procurar suas metades. Assim que se encontravam, eles se abraçavam com desejo de se unir novamente.

Observamos que os andróginos poderiam ser considerados plenos por serem completos em si mesmos, masculino e feminino em um só ser, mas por desafiarem os deuses, foram castigados por Zeus, quando o mesmo dividi-os em dois fazendo assim com que houvesse um vazio entre ambas as partes. Vemos nesse momento que a partir dessa divisão eles passaram a ser úteis para servir aos deuses, e assim não competir com os mesmos. Porém quando suas partes se encontravam, abraçavam-se com o intuito de se unirem novamente. Partindo dessa ideia, podemos analisar que na concepção cristã católica, a alma veio de Deus como se com Ele fosse um só, quando Ele soprou nas narinas do homem, o fôlego da vida (a alma), porém ao desobedecer a Deus, há essa ruptura entre a natureza divina e humana. No poema *Noche Oscura*, São João da Cruz apresenta esta alma em busca por sua metade como os andróginos da mitologia grega para completar um ao outro.

O significado de “andrógino” remete ao que reúne os dois sexos. Atualmente, o conceito de “andrógino” refere-se popularmente mais a uma qualidade estética. Costumamos dizer que uma pessoa é andrógina quando existe uma dúvida, a partir de características estéticas como traços e formato do rosto ou corpo, na hora de identificar o seu sexo. Essa dúvida pode não ser tão gritante. A identificação pode ser imediata, mas a presença de elementos do outro sexo gera várias interpretações. É como olhar para um rosto e ele estar em constante movimento; ora você detecta elementos femininos, ora masculinos (MARCHI,2016).

Historicamente falando, a figura do andrógino é encontrada em diversas culturas. Na Antiguidade, o andrógino significava a fusão de opostos e a conjunção dos sexos. Em todas as épocas e civilizações têm havido cultos a divindades andróginas. De acordo com Eliade (1999), “a androginia é uma forma universal e arcaica de exprimir a totalidade e a coincidência dos contrários”.

A partir desse desejo de união, de busca pela sua outra metade e de recuperação da antiga perfeição, é que se define o impulso erótico. Ainda na definição de erotismo, Bataille (1987) diz que essa é uma busca interior e não exterior. Ela é interior porque o desejo vem de dentro do ser. Porém, ela pode ser confundida por se dirigir a um objeto que está no plano exterior. O desejo erótico, diferentemente do animal, tem como fim a busca complexa de algo incapturável e que vem do âmago do ser, o que é singular ao homem.

O erotismo, ao se manifestar em contos, poemas, novelas, em panfletos e até mesmo no teatro, apresenta aspectos sobre os costumes, sobre as políticas das diversas épocas, da permissão, da repressão, dos aspectos sociais, psicológicos e religiosos que fazem parte do comportamento humano.

Segundo Alexandrian (1994.p. 11):

A literatura erótica nem sempre foi desacreditada, condenando seus autores ao anonimato e suas obras a uma divulgação clandestina. Entre os gregos e os romanos na antiguidade ela se expressava abertamente; os melhores autores a praticavam às claras e seus leitores se divertiam com ela sem falsa vergonha. Apenas não era admitida no gênero nobre, que compreendia a tragédia e a epopeia, mas concedia-lhe como domínio o gênero familiar, o da comédia, o do conto, o

da poesia elegíaca, satírica ou epigramática.  
(ALEXANDRIAN, 1994,p. 11)

Podemos observar aí que a literatura erótica foi bem aceita por parte da sociedade grega e romana de modo livre e seus autores eram admirados por seu público sem que houvesse moralismo nela. O erotismo na literatura é compreendido como uma apologia do gosto sensual até o ponto de excitar o prazer sexual nos leitores, inclui uma variedade de temas, estilos, na literatura em geral. Não se trata somente de um estilo puramente comercial. Porém muitas das grandes obras da literatura erótica resultaram em prisão, tortura e até mesmo em morte para os autores. Em outros casos, apenas poucos exemplares restaram (FILHO,1996).

A partir deste ponto, podemos observar que houve na história uma perseguição a literatura erótica quando ela foi interpretada como uma incitação ao sexo, e uma inspiração a uma vida de promiscuidade e conseqüentemente de pecado, em especial quando a igreja católica detinha a dominação do conhecimento e do comportamento moral e social.

Segundo Corsi (2006), boa parte da literatura erótica, sobretudo as melhores obras, se comporta como uma válvula de satisfação do plano imaginário do autor e se estende ao leitor quando o texto tem uma beleza expressiva e estética.

Frente ao erótico e ao poético, encontramos com um turbilhão de sentidos, movidos por algo que ignoramos, que se aproveita dos desejos criativos da imaginação humana. As duas forças, opostas em poder, permanecem nas sombras e nossa luta consiste em buscar o equilíbrio de ambas.

Não há como negar, entretanto, a natureza humana, que não tem como anular o componente corporal, afinal, o humano se perfaz na matéria. Daí a necessidade de busca de um equilíbrio, e talvez seja desta busca, de superar o puramente material sem negá-lo que São João da Cruz se lança em suas poesias. “O ser humano é, antes de tudo, um corpo. Independentemente de nossas religiosidades”(BOAL,1996). Se o erotismo é a fascinação que o imaginário produz para despertar o prazer, e a construção de um poema erótico é agregar a poética ao imaginário, me atrevo a dizer que o erótico e o poético, em suas finalidades, admitem até as poesias místicas de São João da Cruz (CORSI,2006).

Bataille (1987) divide o erotismo, dependendo de como é vivido, em três tipos diferentes. São eles: erotismo dos corpos, dos corações e o erotismo sagrado. O erotismo dos corpos é a descontinuidade individual, algo que o ser vivencia sozinho e com o próprio corpo e suas sensações através do toque e do movimento, do alto conhecimento de si próprio. O erotismo dos corações está ligado a outros corpos no momento em que se encontra a paixão no sentido violento, que gera caos, confusão e é capaz das mais inusitadas atitudes para estarem em contato ou em comunicação, corações apaixonados como as forças da natureza em uma forte tempestade. O erotismo sagrado é uma busca da continuidade perante a descontinuidade de dois seres. Sobre o erotismo sagrado, podemos observar que na obra de São João da Cruz, e especialmente no poema *Noche oscura*, o qual estamos analisando, o erotismo sagrado aparece como esta busca de uma continuidade do amado para completar a descontinuidade da amada. Este amado como a figura do criador, e a amada como figura da criatura que necessita do seu criador para dar continuidade, isto é: sentido a sua existência. Nesse aspecto São João da Cruz deixa claro o desejo da alma que sai em busca do seu amado sorratamente na calada da noite para se encontrar com seu amado, e com ele tornar-se uma só coisa, sendo o mesmo por natureza e ela por



participação. Para que ambos após esta fusão se tornem um só como uma união matrimonial.

### 3- O SAGRADO

De início precisamos compreender o que é o sagrado. Considera-se sagrado tudo aquilo que está ligado a religião, magia, mitos, crenças. Em qualquer tipo de religião, a concepção do sagrado se manifesta sempre como uma realidade diferente das naturais, remetendo ao extraordinário, ao anormal, ao transcendental, ao metafísico, ou seja, vai além do que se vê, se sente ou se apalpa, pode se manifestar fisicamente ou pode se tornar algo físico, em sagrado relativo ou inerente a Deus, a uma divindade, ou religião, ao culto ou aos ritos. Um exemplo claro que temos disso é apresentado dentro da religião católica, quando o sacerdote consagra o pão e o vinho e, após a proclamação dos ritos, isto é, após as palavras da Consagração, os mesmos transcendem e passam a ser corpo e sangue do Deus Cristão Jesus Cristo. Ou seja, metafisicamente Jesus Cristo está presente sobre as espécies do pão e do vinho, ainda que não seja visível aos olhos humanos.

Para Bataille, o sagrado é o sacrifício da descontinuidade de um ser que se tornará contínuo, através de um ritual:

O sagrado é justamente a continuidade do ser revelada aos que fixam sua atenção, num rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo. Há, em decorrência da morte violenta, ruptura da descontinuidade de um ser: o que subsiste e que, no silêncio que cai, experimentam espíritos ansiosos, é a continuidade do ser, a que a vítima é devolvida. (BATAILLE, 1987, p. 45)

Assim, a divindade (Deus) é uma espécie de fruto, consequência do sagrado, pois sendo divino possui a continuidade do ser. Sua experiência como ser é fornecida pela sua continuidade, ao mesmo tempo em que a revela dentro do divino encontra-se a necessidade do ser humano de estar em contato com o sagrado, daí vemos o constante desejo de uma comunicação através das liturgias para expressar essa continuidade até a morte quando o ser humano passa do estado físico para o espiritual, na descontinuidade do mundo para a continuidade agora devolvida ao sagrado.

Ao apresentar e qualificar o sagrado, Eliade (1977) constrói uma ponte interpretativa entre a natureza transcendente da religião e sua materialidade. A manifestação do sagrado contribui para uma nova semântica de relações que podemos caracterizar como:

Homem religioso imprime ao mundo sensível uma descontinuidade, que reclassifica qualitativamente os objetos. Ao sacralizar o mundo, o homem religioso atribui a significação plena de um espaço sagrado em oposição a todo o resto, como sendo sem forma e sentido (ELIADE, 1977).

Ao delimitar conceitualmente o sagrado, Eliade aponta para a necessidade do homem religioso de sacralizar o mundo apontando o que é ou não sagrado no mundo, com uma estrutura e uma morfológica baseadas em uma gama diversificada de sacralidades ou fatos sagrados que em muitos casos, são encontrados dentro dessa busca que o homem insiste em fazer para conectar-se com o divino.

Na análise de Otto (1992), o sagrado é uma categoria de interpretação e avaliação a priori, e, como tal, somente podemos remetê-la ao contexto religioso. A teoria do sagrado ottoniana nos permite resguardar um atributo essencial para o fenômeno religioso ao mesmo tempo em que o torna operacional. Nesta abordagem, o sagrado reserva aspectos ditos racionais, ou seja, passíveis de uma apreensão conceitual através de seus predicados, e aspectos não racionais, que escapam à primeira apreensão, sendo exclusivamente captados enquanto sentimento religioso. O não-racional é o que foge ao pensamento conceitual, por ser de característica explicitamente sintética, e só é assimilado enquanto atributo. Neste patamar reflexivo está o âmago da oposição entre o racionalismo e a religião.

Para Otto (1992, p. 12), “a religião não se esgota nos seus enunciados racionais e em esclarecer a relação entre os seus elementos, de tal modo que claramente ganha consciência de si própria.”. Esta motivação nos envolve especialmente com a categoria do sagrado, o que garante de forma peculiar uma análise abrangente do fenômeno religioso que consiste em crer no que é metafísico.

Entretanto, se o sagrado é único enquanto categoria, paradoxalmente ele é plural em sua realidade fenomênica. O sagrado por si só é exclusivamente explicado em sua própria escala, ou seja, a escala religiosa. Todavia, no plano fenomênico ele se apresenta em uma diversidade de relações que nos possibilitam estudá-lo à escala das ciências humanas.

Segundo Otto (1992, p. 10):

...se os predicados racionais estivessem geralmente em primeiro plano, não poderiam esgotar a ideia da divindade, pois referem-se precisamente ao elemento que não é racional. São predicados essenciais, mas sintéticos. Só se compreende exatamente o que são se os considerarmos como atributos de um objeto que, de alguma forma, lhes serve de suporte, mas que eles não captam e nem podem captar (OTTO, 1992, p. 10).

A partir da dicotomia racional/irracional, Otto mostra os famosos atributos filosófico-teológicos de Deus, que balizam no Ocidente sua compreensão do sagrado. Visando esclarecer a priori as categorias do sagrado, Otto parte do pressuposto de que somente a irracionalidade pode dar conta da experiência do sagrado e de sua estrutura. Como tal, o sagrado foi chamado por ele de “o numinoso<sup>3</sup>”, influenciado, inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade, já que ele foge de sua conotação moral, por mais que em muitas religiões o sagrado repercute moralmente na existência humana (CABRAL,2013).

O estudo do numinoso aponta para o estudo da experiência religiosa, não como estudo das religiões mas do empírico religioso de um Deus vivo dentro do mundo e de cada um. O homem primitivo via a expressão do divino nos elementos

---

<sup>3</sup> Numinoso, termo para se referir ao que é inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade.

da natureza (nos animais, nas plantas, nas montanhas, no trovão, etc.); para ele tudo era a manifestação do sagrado (o mistério que anima todas as coisas, representado no cristianismo como santo).

O numinoso apresenta-se como inconsciente porque é algo que se manifesta paralelamente ao consciente, isto é: algo que não emerge à consciência a todo momento, se o numinoso aparece irracionalmente, ele não pode ser descrito racionalmente, como se fosse um objeto para a estrutura transcendental da subjetividade. O “natural” deixa vir a lume o “sobrenatural”, sem deixar de ser o que ele é. Neste campo, o homem religioso experimenta o numinoso como o totalmente outro e totalmente acima dele próprio. Simultaneamente, “o sentimento subjetivo de dependência absoluta, pressupõe uma sensação de superioridade (e inacessibilidade) absoluta do numinoso”. Pode-se dizer, então, que, para o homo religiosus, o sagrado gera dependência subjetiva e inferioridade da “criatura humana” que o experimenta no sentimento. Deste duplo aspecto, emerge a famosa ambiguidade assinalada por Otto (1992).

Nós somos ontologicamente feitos do numinoso, há em nós um impulso de divindade em nós, a vontade de fundir-se com o sagrado. O numinoso tem duas dimensões: *tremendum et fascinans*: ele é tremendo e fascinante. Como (*tremendum*), nos dá a ideia de pavor diante da grandeza, o sagrado manifesta-se na sua majestade, se nos conectamos a dimensão do universo e do poder de Deus, ficamos aniquilados por completo, ou seja, nosso tempo não faz nenhuma diferença e nossa existência é completamente esvaziada de sentido de significância para o universo. Isso gera o sentimento de esmagamento diante da grandeza de Deus. (do sagrado), esse ponto é muito explorado pelas religiões, em especial no cristianismo. Ao mesmo tempo, o mistério “é cativante, arrebatador, encantador”, o que se manifesta em muitas religiões na ideia de que a divindade possui graça amor, ternura, compaixão etc. é a compreensão da beleza da grandeza manifestada no agradecimento por fazer parte da obra gerada pelo sagrado. Por isso, o sagrado sempre fornece, paradoxalmente, certa plenitude àquele que o experimenta (CABRAL,2013).

De um lado, ele é terrível; mas, de outro, ele é potencializador. Embora Eliade considere estas características importantes na tematização do sagrado, elas lhe parecem simplificadoras. Para Eliade, a abordagem de Otto é encurtadora da pluralidade de aspectos inerentes à experiência do sagrado. Ao reduzir o fenômeno do sagrado à irracionalidade, Otto deixou de argumentá-lo “em toda sua complexidade”. A totalidade deste fenômeno não pode ser abarcada à luz da dicotomia razão/irrazão. O sagrado aparece para um determinado modo de ser e é somente descrevendo seu universo significativo que ele se manifesta como tal (CABRAL,2013).

Para sua compreensão, o sagrado contrapõe-se ao comportamento profano. No lugar da oposição razão/irrazão, Eliade põe a contraposição sagrado/profano. É através desta última que Eliade acredita poder entender diversos fenômenos da modernidade ocidental, pois o Ocidente se caracteriza, desde o fim da modernidade, por disseminar por toda cultura a profanização da antiga experiência do homem religioso. Ora, se Eliade empreende sua crítica à cultura ocidental sob a chave hermenêutica do conceito de sagrado, a maior parte de sua obra visa fundamentar esta experiência. No que concerne a esta experiência, cabe aqui destacar alguns de seus elementos principais, que favorecerão o objetivo do presente artigo, qual seja,



mostrar como Eliade, então, caracteriza o sagrado. Uma passagem da introdução de *O sagrado e o profano* nos encaminha a resposta:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato de manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integralmente do nosso mundo “natural”, “profano<sup>4</sup>”(ELIADE,1977).

A passagem anterior aponta para uma série de elementos primordiais da caracterização eliadeana do fenômeno do sagrado. Toda ela gira em torno do conceito de (hierofania), uma manifestação reveladora do sagrado que, pelo que parece, é um neologismo criado pelo próprio Eliade. Se a hierofania diz respeito ao fato de que “algo de sagrado se nos revela”, isto mostra que o envio do sagrado não é posicionado por qualquer tipo de subjetividade autônoma.

No sagrado moderno, verifica-se de um lado, uma diminuição do poder (sagrado) do centro organizador de cada sociedade. Contribuíram para esta situação o avanço das explicações científicas e a perda do poder e do prestígio das instituições religiosas, que eram os únicos “centros organizadores” na sociedade. Contribuíram também, o surgimento de vários centros organizadores (religiosos, científicos, políticos, sociais, inclusive a mídia) em concorrência mútua, uns com os outros, como “modelos” e “germes” do sentido do mundo. O ser humano passou a ter com todos eles, pequenas distâncias sacrificiais (MAGRI,2012).

Neste sentido podemos dizer que São João da Cruz iniciou sua união com o sagrado passando por três vias ou três degraus pelos quais subiu até Deus. três degraus da vida espiritual, conhecido também como três etapas, três vias da espiritualidade cristã.(Dom Orlando Brandes)<sup>5</sup> São elas: a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva.

A primeira é a via purgativa. É a etapa da purificação do coração, do combate ao pecado, da conversão diária. A etapa purgativa significa penitência, noite escura, provações, sofrimentos que foram vivenciados por São João da Cruz em sua vida, em seu cárcere, chama-se também de ascese. A via purgativa se caracterizou pela dor, pelo abandono e pela perseguição vivenciada por ele. Mas para o nosso poeta, o

<sup>4</sup> Profano, que não pertence ao âmbito do sagrado, e que por isso, não pertence à religião ou a religiosidade.

<sup>5</sup> Dom Orlando Brandes disponível em: <http://www.catequisar.com.br/texto/materia/bispo/194.htm>

desejo de crescer, melhorar, santificar-se o fez tomar a cruz de cada dia, entrar pela porta estreita, renunciar-se a si mesmo, adquirir sensibilidade espiritual com o desejo de ser livre e ir ao encontro do amado. Passando pela experiência de desânimo, desolação e aridez, que caracteriza esta primeira etapa para se alcançar o êxtase místico, São João da Cruz registrou em seus poemas sua própria experiência.

A segunda é a via iluminativa. Está ligada a iluminação interior, abertura para a graça, gosto pela meditação da Palavra, pela vida de oração e a busca do desejo de santificação, que gerou em São João da Cruz suas virtudes, e o desejo de uma vida de contemplação. Há um saborear a presença de Deus e sua ação em seu sofrimento. Sentiu-se tocado pelo amor e amizade de Deus. Fazemos a experiência da admiração, do gosto, da aspiração por Deus, adquiriu uma sensibilidade pelo mistério. A via iluminativa se caracteriza pela fascinação de São João da Cruz por Deus, pelo gosto e vivência mística. Ele sente esse desejo de entrega e doação de si próprio, de amor à cruz, sensibilidade fraterna.

A terceira via é a via unitiva, considerada o matrimônio espiritual da alma com Deus. Esta união com o sagrado fez com que São João da Cruz chegasse a iluminação e a união total com Deus, como o fogo que ao ser aceso torna seu combustível, que pode ser uma madeira ou uma vela, em fogo, sendo ele mesmo por natureza e o seu combustível por participação. O silêncio, a solidão, a contemplação marcaram a via unitiva de São João da Cruz, como também a experiência de trevas e luz que levou. A união com o sagrado é transparente, irradiante e simples.

#### **4- ANÁLISE DO POEMA “Noite Escura da Alma”**

Segue-se o poema de São João da Cruz, originalmente intitulado de “Noche Oscura”, e traduzido para “Noite Escura da Alma”, pelas Carmelitas Descalças de Fátima e Convento de Santa Teresa (1988,p.12.) A versão em Espanhol e português adotada é a que se apresenta abaixo, encontrando-se em destaque, visto que se trata do corpus a ser analisado.

**San Juan de La Cruz**

(1542-1591)

Poema

#### **Noche Escura del Alma**

En una noche oscura,  
con ansias en amores inflamada,  
¡oh dichosa ventura!  
Salí sin ser notada,  
Estando ya mi casa sosegada.

A escuras y segura,  
Por la secreta escala disfrazada,  
¡Oh dichosa ventura!  
A escuras, encelada,  
Estando ya mi casa sosegada.

En la noche dichosa,  
 En secreto que nadie me veía,  
 Ni yo miraba cosa,  
 Sin otra luz ni guía  
 Sino la que en el corazón ardía.

Aquesta me guiaba  
 Más cierto que la luz de medio día  
 Adonde me esperaba  
 Quien yo bien me sabía,  
 En parte donde nadie parecía.

Oh noche, que guiaste,  
 Oh noche amable más que el alborada,  
 Oh noche, que juntaste  
 Amado con amada,  
 Amada en el Amado transformada!

En mi pecho florido,  
 Que entero para él solo se guardaba,  
 Allí quedó dormido,  
 Y yo le regalaba,  
 Y el ventalle de cedros aire daba,

El aire del almena,  
 Guando ya sus cabellos esparcía  
 Con su mano serena,  
 En mi cuello hería  
 Y todos mis sentidos suspendía.

Quedéme y olvidéme,  
 El rostro recliné sobre el Amado;  
 Cesó todo y dejéme,  
 Dejando mi cuidado  
 Entre las azucenas olvidado.

### **Noite Escura da Alma**

1. Em uma noite escura,  
 De amor em vivas ânsias inflamada,  
 Oh, ditosa ventura!  
 Saí sem ser notada,  
 Já minha casa estando sossegada.  
 2. Na escuridão, segura,  
 Pela secreta escada, disfarçada,  
 Oh, ditosa ventura!  
 Na escuridão, velada,  
 Já minha casa estando sossegada  
 3. Em noite tão ditosa,  
 E num segredo em que ninguém me via,  
 Nem eu olhava coisa,  
 Sem outra luz nem guia  
 Além da que no coração me ardía.

4.Essa luz me guiava,  
 Com mais clareza que a do meio-dia,  
 Aonde me esperava  
 Quem eu bem conhecia,  
 Em sítio onde ninguém aparecia.  
 5.Oh, noite que me guiaste!  
 Oh, noite mais amável que a alvorada!  
 Oh, noite que juntaste  
 Amado com amada,  
 Amada já no Amado transformada!  
 6.Em meu peito florido  
 Que, inteiro para ele só guardava,  
 Quedou-se adormecido,  
 E eu, terna, o regalava,  
 E dos cedros o leque o refrescava.  
 7.Da ameia a brisa amena, (9)  
 Quando eu os seus cabelos afagava,  
 Com sua mão serena  
 Em meu colo soprava,  
 E meus sentidos todos transportava.  
 8.Esquecida, quedei-me,  
 O rosto reclinado sobre o Amado; (10)  
 Tudo cessou. Deixei-me,  
 Largando meu cuidado  
 Por entre as açucenas olvidado. (11)

Trata-se de um poema seguido de uma longa declaração em prosa. Quanto ao poema, que também é chamado “canções da alma”, observamos que este é composto de oito estrofes de cinco versos cada. João da Cruz segue o estilo literário corrente na Espanha da segunda metade do século XVI, a saber, a literatura ascética e mística (Borriello *et alii*, 2003, p. 588).

Analisemos a estrutura do poema: é escrito na forma de “lira garcilasiana<sup>6</sup>”, que consiste num modelo de estrofe composto por cinco versos. O primeiro, o terceiro e o quarto versos possuem seis sílabas tônicas cada um; o segundo e o quinto verso possuem dez sílabas tônicas (decassílabo italiano). Com o verso “Em uma noite escura” começa a primeira estrofe. Deste verso provém o nome da obra: *Noite escura*. Nas quatro primeiras estrofes, João da Cruz narra o movimento de saída da alma em direção ao Amado, saída esta que se dá em “noite ditosa”, na qual a alma se encontra inflamada de amor. É também uma noite “secreta” e “segura” na qual a alma caminha sem ser vista e sem olhar coisa alguma, senão a luz que no coração lhe arde e ilumina (João da Cruz, 2018, p. 21-22).

Observamos nesse início do poema que São João da Cruz, após ter passado pela Via purgativa da noite escura, sente a casa de sua alma sossegada, sua (consciência). Nesta noite escura a alma sai em meio a solidão na qual vivia em busca do seu amado como se já estivesse neste aspecto transitando pela via iluminativa. Sente segurança para sair em busca do amado pela secreta escada disfarçada (fazendo analogia as três vias citadas no tópico do sagrado), a via purgativa, iluminativa e unitiva. Não desviava seu foco para nenhuma outra coisa ou

<sup>6</sup> lira garcilasiana é modelo de estrofe criado, sob influência do Renascimento, por Garcilaso de la Vega (Toledo, 1500-1531).

luz a não ser a que ardia em seu peito, isto é, a luz do amado (representação do sagrado).

A quinta estrofe é o ápice do poema: narra-se a chegada da amada e o encontro com o Amado. É a noite “mais amável que a alvorada”, na qual dá-se a união do Amado com a amada: “amada já no Amado transformada” (Teixeira, 2018, p. 11).

Aqui podemos observar claramente a via unitiva, quando a amada e o amado encontram-se como um casal de apaixonados que anseiam pelo passar do tempo quando estão separados, mas que não quer que ele passe quando os mesmos estão juntos, e ao se encontrarem se tornam um só como um matrimônio. Vemos a alegria desta amada sendo revelada quando ela faz menção a essa noite “mais amável que a alvorada”, noite tão erótica vivenciada por ambos, pois foi nessa noite que se juntou Amado com amada, Deus com a alma.

Nas três últimas estrofes é descrito como se dá a união da amada com seu Amado. Nestas estrofes brotam com toda força o lirismo de João da Cruz. Usa-se a alegoria do amor humano para falar da união do humano com o divino (Teixeira, 2018, p. 15-16). Neste aspecto podemos ver a clara relação a partir desse desejo de união, e de busca pela sua outra metade e que foi apresentada no erotismo e que se define no impulso erótico e na ideia defendida por Bataille (1987).

A união da alma mesma com o divino, ou a contemplação ela mesma, não pode ser descrita tal como se dá, mas somente por figuras. A grandeza de João da Cruz está no fato de haver encontrado um símbolo denso e sugestivo capaz de exprimir a experiência mística: dizer, com linguagem humana, o indizível (João da Cruz, 2018, p. 150). A “Noite Escura da Alma” revela o caminho de ascensão da alma até o seu encontro místico com Deus. fazendo uma fusão que nos lembra o mito dos andróginos na tentativa de se fundir em um só. Portanto, trata-se de uma linguagem metafórica, abordando uma experiência mística que envolve um paradoxo. De um lado, essa experiência é dolorida, sofrida, a ponto de dilacerar a alma em agonia. Por outro lado, se faz bela e iluminada, visto que enseja a união espiritual e mística com Deus.

A “Noite Escura da Alma” revela o caminho de ascensão da alma até o seu encontro místico com Deus. Portanto, trata-se de uma linguagem metafórica, abordando uma experiência mística que envolve um paradoxo. De um lado, essa experiência é dolorida, sofrida, a ponto de dilacerar a alma em agonia. Por outro lado, se faz bela e iluminada, visto que enseja a união espiritual e mística com Deus.

Os estudiosos de João da Cruz reconhecem que uma das criações poéticas mais geniais criadas pelo místico espanhol é a obra “Noite Escura”. É onde talvez se encontre o seu “achado” mais significativo e profundo. É do vocábulo “noite” que “brotam o lirismo, o simbolismo e o mais secreto de sua mística, que incorpora uma intuição do universo” (ALVES,2014).

As oito estrofes do poema que abrem a obra expressam um dos mais inflamados e apaixonados itinerários de amor da lírica espanhola. Elas traduzem o movimento que vai unindo a amada e o Amado, tendo a noite como mediadora e guia. É um “poema rico e misterioso que não pode ser reduzido a um sentido puramente profano ou sagrado. Sua arte transcende a divisão e enriquece a ambos, como poema de amor que funde suas raízes na experiência humana, mas que ao mesmo tempo abraça o divino”. Como singular poeta, João da Cruz tem o dom e a arte de transfigurar as coisas, de abrir os olhos dos leitores para o outro mundo que habita o mundo, facultando a percepção de sua verdadeira beleza (TEIXEIRA,2008).

Entre os principais influxos sofridos por João da Cruz na redação da “Noite” encontra-se o clássico epitalâmio “Cântico dos Cânticos”. Este texto bíblico que faz parte do cânone dos livros inspirados, seja na tradição judaica como cristã, é um dos mais belos e preciosos testemunhos de celebração do amor de todos os tempos. Também este Cântico fala da saída da amada pela noite em busca do Amado de sua vida (Ct 3,1-4). A mesma imagem abre a obra de João da Cruz analisada: a amada que sai, numa noite escura, com “vivas ânsias inflamada”, em busca do Amado que “bem conhecia” (N 1 e 4) (TEIXEIRA,2008).

O poema de João da Cruz pode ser dividido em três partes. Nas quatro primeiro estrofes (I-IV) aborda-se a peregrinação da amada na noite escura e ditosa, que parte para o Amado guiada pela luz que em seu coração ardia. Na quinta estrofe (V) celebra-se a chegada da amada no “sitio onde ninguém aparecia” e o festejado anúncio da união mística: “Oh! noite que juntaste Amado com amada, amada já no Amado transformada”. A cena mesma da união acontece nas últimas três estrofes do poema. É o momento de maior densidade lírica, onde fala a força do poeta, com a presença de imagens de uma intensidade inusitada (ALVES,2014).

As últimas três estrofes da “Noite” são de uma beleza esplendorosa. É o momento onde transparece a força tátil do “poeta das carícias” que é João da Cruz. São preciosas líras preenchidas por imagens “intensamente perfumadas” e sublimes, que formam uma rica atmosfera estética. A fragrância dos versos remete ao ambiente alegórico do Cântico dos Cânticos, com seus cedros, ameias e açucenas.

A vivência religiosa originária presente na *Noite escura* é expressa de um modo diferente. É Deus que vem ao encontro da alma. E, nesta secreta escada, vai iluminando e ilustrando a alma, de grau em grau, por meio de uma enamorada inflamação de amor. Pois somente pelo amor é que a alma pode unir-se a Deus. É um conhecimento amoroso e infuso de Deus. À medida que a alma vai subindo de grau em grau, vai crescendo no amor e na ilustração das realidades que a esperam (João da Cruz, 2018, p. 155).

Há também uma semelhante representação erótica, com imagens magníficas que intercambiam delicadezas entre a amada e o Amado. Como é bela a cena onde no peito florido da amada o Amado deixa-se quedar adormecido (N 6). Não há melhor caminho para falar da união do humano com o divino que a alegoria do amor humano. E João da Cruz é um mestre no manejo dessa arte. O místico espanhol “refugia-se nas alegorias do amor humano, perdendo-se na música, inebriando-se com os densos e acurados aromas, exaltando-se entre as rosas e todas as cores que envolvem o mundo imaginário do Cântico dos Cânticos”(TEIXEIRA,2008).

Como vemos em um casal quando estão apaixonado e sente-se bem um com o outro. A últimas estrofes traduzem poeticamente a experiência do alto grau de amor na profundidade noturna. Os amantes encontram-se entre as ameias, mais próximos do movimento dos astros e distanciados dos superficiais rumores do cotidiano. Ali a vida “permanece suspensa” e os amantes podem sentir o vigor dos “ares amorosos”. Vale recordar que para João da Cruz, o ar tem um significado muito especial, indicando “as mais íntimas e sutis operações da Divindade nos graus extremos da união perfeita” (TEIXEIRA,2008).

Em inversão de imagens, é agora a amada que reclina-se sobre o Amado, em recolhimento e quietude: “Oh! quão ditosa é a alma que sente de contínuo estar Deus descansando e repousando em seu seio!” (Ch 4,15). Do alto das ameias os amantes são brindados com o suave ar que se filtra através dos cedros (N 6). É um momento especial de deleite e silêncio, onde tudo cessa e só o amor vibra. É o momento



sublime da “comunicação e exercício de amor suave e pacífico” com o Amado (CB 14,2) (ALVES,2014).

O poema termina com a referência misteriosa das açucenas (N 8). E novamente a arte do poeta em tomar uma palavra específica e fazê-la brilhar com uma novidade instauradora. É extraordinário o efeito poético suscitado pela presença das açucenas no último verso, com sua brancura e fragrância, que contrastam magnificamente com a paisagem “noturna” dos versos anteriores. As mesmas açucenas que no Cântico dos Cânticos são pastoreadas pelo Amado (Ct 6, 2-3).

A mística reveste-se com um “rostro perfeito” em João da Cruz, e na sua forma mais sublime, que é a poesia. Os comentários são também importantes, mas acabam encolhendo ou reduzindo a força da experiência que a poesia canta em estado original. E se o místico espanhol escreveu também em prosa foi para comentar sua própria poesia.

## 5 CONCLUSÃO

Podemos concluir que quanto mais se estuda a produção de São João da Cruz, mais se tem a certeza de que a sua obra está infiltrada de um misticismo espetacular. Na medida em que se integra e se funde em sua escritura, esse passa a constituir o seu próprio estilo literário. Contudo, sua obra não seria literária se apenas repousasse sobre as concepções místicas. O modo como essas são manejadas pelo autor e transfiguradas em linguagem simbólica, é que lhe emprestam o caráter estético próprio da literatura.

Se existe a possibilidade de se narrar algo da experiência mística, segundo João da Cruz, isso só pode ser realizado de maneira bastante genérica: e é isso que ele faz em toda obra *Noite escura*. Então, qual o fenômeno que pode ser percebido? Tal fenômeno não pode ser descrito racionalmente: e é por esta razão que João da Cruz lança mão do símbolo da noite, a saber, uma tentativa de expressar ou comunicar o incomunicável. Que a pessoa sinta a experiência mística, isso não se pode negar, mas não estamos tão certos se tal experiência pode ser racionalizada.

A experiência mística é sempre, da parte do sujeito que a vive, algo propriamente singular. Tal singularidade torna, de certa maneira, impossível que a mesma seja partilhada de tal modo que, quem por ela não passe, possa encontrar os dados autênticos para um ver originário. Portanto, a experiência mística, ela mesma, isto é, a contemplação em si, não pode ser descrita tal como ocorre. Tudo o que é possível dizer da experiência mística é aquilo que pode ser expresso pelo símbolo, por exemplo, o símbolo noite, no caso de João da Cruz. Estar diante da noite escura é estar diante daquele mistério que se realiza no mais recôndito da alma humana.

Pode-se dizer que o tom erótico manifesto na obra como corpo linguístico oculte talvez (para um leigo) sua mensagem principal, centrada na relação entre o humano e o divino. O tema aparente é a representação do encontro entre a amada com o Amado. O cenário noturno está configurado para que se imagine que se comete algo delituoso, tanto que os personagens agem durante a noite. No entanto, o poeta expressa, na verdade, uma representação simbólica do encontro com Deus. “Noite Escura da Alma”, nada mais revela, senão como acontece esta união. Nessa perspectiva, a descrição de uma noite em que um ser humano sai em busca de seu amado, representa o humano em busca de Deus, implicando a união entre o humano e o divino, o profano e o sagrado.

Mostrou-se que o poema “Noite Escura da Alma” contém elementos que, se lidos superficialmente, não são possíveis de serem enxergados. Todavia, ao se mergulhar na linguagem simbólica, emerge a percepção da dupla visão do poema, assentada na mística dupla de encontro do humano com o divino que, na visão do poeta, se perpetua até a atualidade. Em São João da Cruz , o sagrado e o erótico andam juntos, não se separam.

Portanto, o presente trabalho deve servir para leitura e seta que aponta alguns caminhos por onde o estudioso interessado em conhecer melhor o autor e a obra de São João da Cruz o faça a partir das duas perspectivas: a do erótico e a do sagrado. Do mesmo modo, espera-se que o material possa constituir-se num celeiro de ideias e possibilidades, inspirando novos estudos sobre o mesmo tema estudado.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN: **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

ALVES, Daiany Hilka da Silva Alves. **A dupla interpretação do poema “Noite escura da alma” de São João da Cruz: a relação entre o humano e o divino**.UEPB.2014.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo**. Civilização brasileira, Rio de Janeiro.1996.

CABRAL, Alexandre Marques. **A metafísica do sagrado**: Rio de Janeiro. UERJ-2013.

CMDM-Comunidade Missionária Divina Misericórdia. Batatais-SP. Dezembro de 2018.Disponível no site: <https://www.cmisericordia.com.br>.Acesso em :04 de maio de 2019.

CORSI. Danilo. **A Literatura Erótica**.26/06/2006.Disponível no site: [http://screamyell.com.br/literatura/literatura\\_erotica.htm](http://screamyell.com.br/literatura/literatura_erotica.htm). Acesso em : 04 de maio de 2019.

CUNHA, Flávia. **De eros ao erotismo**. Maio de 2017.Disponível no site:<http://www.vos.social/voos-literarios/de-eros-ao-erotismo>. Acesso em :04 de abril de 2019.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. trad N. Nunes & F. Tomaz, Lisboa: Cosmos, 1977.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



FILHO, Deneval Siqueira de Azevedo. **Holocausto das fadas: a trilogia obscena e o Carmelo Poético de Hil da Hilst I Deneval Siqueira de Azevedo Filho**. Campinas, SP : [s.n . ], 1996. Orientador: Vilma Sant'Anna Arêas Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Camp1nas, Instituto de Estudos da Linguagem.

JOÃO DA CRUZ, Santo. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes, 200 2.

MAGRI,Liléia Rodrigues de Moraes.O sagrado, 2012.Disponível no site: [www.mitsein.blogspot.com](http://www.mitsein.blogspot.com). Acesso em: 10 de maio de 2019.

MARCHI,Alexandra.**Andrógino-a história do conceito e significado**.2016. Disponível no site:www.mood.com.br.Acesso em : 07/06/2019.

NOBRE, José Aguiar. **A revelação divina hoje: uma percepção do agir de Deus na história a partir do pensamento de Andrés Torres Queiroga / José Aguiar Nobre**; orientador: Mário de França Miranda. – 2017. 299 f.; 30 cm Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

OTTO, R. **O Sagrado**, Lisboa: Edições 70, 1992.

PACHO, Elogio. **San Juan de la Cruz: história de seus escritos**. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 1998.

RUIZ SALVADOR, Federico. **Místico e mestre**, Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTA TERESA DE JESUS , disponível em:thttp://www.carmelitaniscalzi.com/pt-br/quem-somos/fundadores/santa-teresa-de-jesus/ Acesso em :04 de maio de 2019.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SESÉ, Bernard. **João da Cruz: pequena biografia**. São Paulo: Paulinas,1995

TEIXEIRA,Faustino.**A noite escura de São João da Cruz**.PPCIR/UFJF,2008.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus:

Que presenteou-me com a vida, a liberdade, abençoou-me com a inteligência, deu-me a graça de lutar e vencer mais uma etapa em minha vida. Tudo é dom de Deus, mesmo as coisas mais pequeninas, e é o conjunto desses presentes que fazem uma vida, bela ou sombria, segundo a maneira de utilizá-las.

Aos meus Pais:

Severino Wilson da Silva (pai) e Maria Filomena Clemente da Silva. De vocês recebi o dom mais precioso do Universo: a Vida. Revestiram-me de amor, carinho e dedicação e, hoje, final do curso, procuro entre as palavras aquela que gostaria que seus corações ouvissem do meu, e só encontro um simples e sincero obrigado.

Aos Mestres:

Professora e orientadora Cristiane Agnes Stolet, aos que fazem parte da minha banca examinadora e aos que já caminharam comigo nessa jornada, meu muito obrigado pelo carinho e atenção a mim dedicado.